

A Amazônia colonizada

Ecólogos, pedagogos, sociólogos, antropólogos, agrimensores e agrônomos se reuniram para elaborar um projeto de colonização da Amazônia. Um projeto para colonizar a região sem destruí-la.

A idéia não é simples? Um projeto agrícola na Amazônia deve respeitar a selva e suas leis. A idéia não é óbvia? Este projeto deve partir do conhecimento multi-secular dos habitantes da selva. Quem melhor do que os índios conhece a agricultura da região, o espaço, os ventos? Se, até hoje, esta parcela fantástica da natureza brasileira (e universal) foi violentada, é possível anunciar, neste momento, que um grupo de estudiosos acaba de concluir os estudos para uma nova civilização agrícola na Amazônia.

O projeto está reunido em 500 páginas de texto, gráficos e desenhos elaborado pela Unicamp (Universidade de Campinas) e Codetec. Rapidamente será enviado ao Inbra (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária), pela Cooperativa dos Agricultores de Ijuí, uma das duas maiores do Brasil. Aprovado, será o sinal para que 12 mil pessoas, ao longo de dez anos — isto é, duas mil famílias —, se preparem para viver numa área de quinhentos mil hectares, próxima de Altamira. Serão 1200 pessoas, a cada ano, seguindo para aquelas áreas. Aprenderão a viver na região — respeitando-a, compreendendo-a, trabalhando nela e explorando-a, mas preservando-a para o Brasil e para a humanidade.

O físico Rogério Cerqueira Leite, da Unicamp, diz que os insucessos anteriores na exploração da Amazônia talvez tivessem uma causa: a falta de base científica. "E foi por esta razão que nos envolvemos no projeto". Com o apoio logístico da FAP, o projeto foi iniciado, seis meses atrás, através de uma equipe de ecólogos, pedagogos, sociólogos, antropólogos, economistas agrícolas, agrimensores e agrônomos. Para fazer um estudo clínico, eles visitaram uma série de iniciativas semelhantes executadas recentemente.

BUSCA DA HARMONIA

Qual a principal conclusão a que chegaram?

— Nós nos convencemos — explicou Rogério Cerqueira Leite — de que a principal causa do insucesso resultava de uma tentativa de confronto com a Amazônia, em vez de um esforço de aproveitamento das inúmeras riquezas naturais da região. O que este projeto tem de diferente é uma atitude de procurar harmonizar o colono com o ambiente, reduzindo-se, assim, a agressão costumeira do homem contra o meio que o cerca.

Uma primeira consequência: o nível de desmatamento previsto pelo projeto é muito menor do que nos casos anteriores. É a própria economia do projeto é baseada, inicialmente, na silvicultura. "Obviamente — diz Rogério Cerqueira Leite — não se pode evitar o desmatamento parcial. Mas

mesmo isto, o desmatamento, pode ser feito de maneira construtiva".

A própria urbanização prevista no projeto tem como modelo a estrutura urbana dos Craós — índios bastante avançados, que, reconhecendo a importância da selva, fazem a sua cidade em torno de um círculo, onde a mata é respeitada. Também a agricultura proposta se beneficiou dos conhecimentos indígenas, onde os ventos são aproveitados para melhor refrescar as residências, e em que se aproveitam arvoredos das imediações. E a pecuária? A opção se deu pelo búfalo, animal que melhor se adapta ao sistema de chuvas e às condições ambientais especiais dominantes na região.

Segundo Cerqueira Leite, o aproveitamento da castanha de babaçu e da seringueira se acopla às culturas perenes, melhor adaptadas à região, tais como o dendê, cacau, mamona, etc. "Obviamente, não se pode prescindir de culturas limitadas de arroz, feijão, milho, banana, etc, que utilizam a economia rural e tornam o agrupamento humano independente".

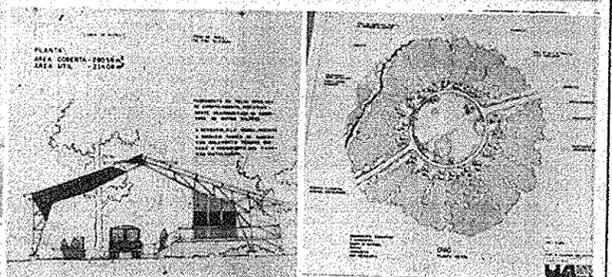
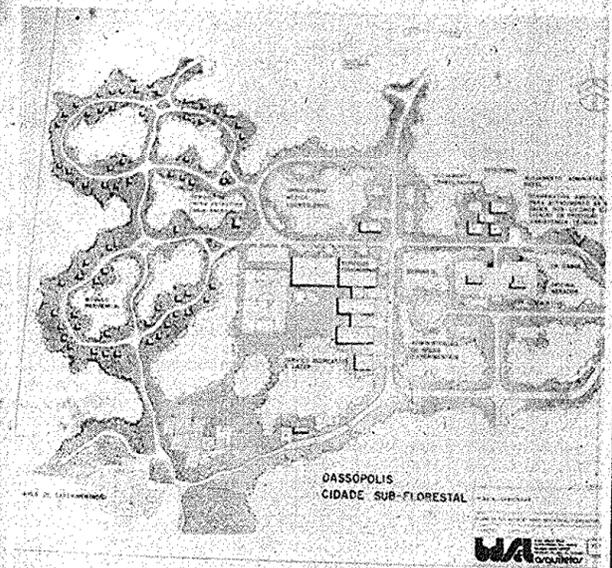
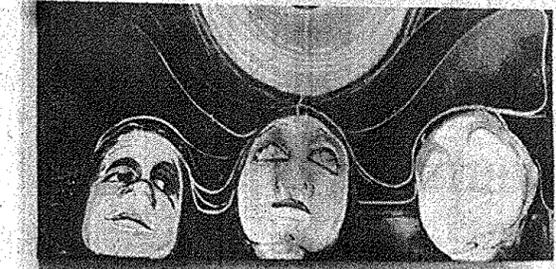
UMA ESCOLA DA SELVA

O projeto tem outra particularidade: ele exige que o futuro colono passe necessariamente por um longo aprendizado a respeito da natureza local. Além do que, foi feito um estudo sociológico do colono que deverá ser adaptado a esta região. Os colonos serão gaúchos, de origem alemã ou italiana, membros da Cotrijul, o que — diz o professor da Unicamp, "assegura um nível cultural bastante desenvolvido".

Para a coordenação do projeto foi convidado o tenente-brigadeiro João Camarão Telles Ribeiro, que passou recentemente para a reserva, e que, segundo Cerqueira Leite, "é homem apaixonado pela Amazônia, onde viveu 16 anos. A equipe criadora do projeto conta com mais de 30 pesquisadores e várias dezenas de homens (inclusive Pedro Paulo Lomba, que concebeu o projeto da Cidade Científica de Aripuanã, no Mato Grosso). Eles vieram de várias partes do País e de muitas instituições, incluindo-se ecólogos radicais, que com sua posição crítica nos permitiram um projeto idealmente balanceado. Graças a este respeito pela natureza é que foi possível dar ao projeto uma atitude conservacionista."

A QUESTÃO DO ÍNDIO

"Os indianistas do projeto — segue — fizeram valer sua experiência para que pudéssemos consolidar o índio como parte integrante de nossos planos. Embora não haja uma população indígena residente na área, nas vizinhanças se encontram os índios Araras. Pretendemos introduzir facilidades especiais e permitir livre acesso dos índios às



Rogério Cerqueira Leite, da Universidade de Campinas, explica que este novo projeto de colonização da Amazônia pretende harmonizar o colono com o ambiente que o cerca. Tudo no projeto foi estudado em bases rigidamente científicas. É o caso, por exemplo, da própria do núcleo habitacional e das casas dos colonos, criada para atender às condições de clima da região.

facilidades da colônia. Serão, inclusive, fornecidas tabas para índios que estejam de passagem."

Nas plantas do projeto — que breve estarão sendo analisadas em Brasília — encontram-se muitas pistas para a compreensão deste trabalho. É dito, por exemplo, que do ponto de vista habitacional os técnicos se preocuparam com a criação de um núcleo no qual "o homem pudesse desenvolver, serenamente, suas atividades cotidianas".

Como isto se dará? "Uma área central, sob condições de ventilação permanente, eliminada as áreas aquecidas, cria um espaço intermediário entre o "estar dentro" e o "estar fora", o que é essencial sob um regime de alta pluviosidade."

"Os demais detalhes arquitetônicos atendem ao clima regional: ventilação permanente nos diversos ambientes, eliminação do ar, por abertura nos aitos da cobertura, forro ventilado, piso elevado a um metro e vinte, permitindo ventilação inferior."

Nesta tentativa de assimilação da experiência indígena pela civilização urbana, é essencial o "craó".

Ou: "um espaço coletivo entre lotes familiares, sobre o qual a vida rural amazônica, tradicionalmente isolada, se estende e se altera para uma vivência comum e segue ao lado de uma paisagem natural, maciçamente preservada, e uma paisagem cultural criada. A forma do espaço criado é similar às dos aldeamentos dos índios Craó, da bacia do Tocantins".

Os "craós" — unidade base em torno da

qual vivem cinco famílias — se agregam em volta da cidade das selvas.

"Dassópolis é o projeto de uma cidade subflorestal, prestadora de serviços a uma população de colonos e base de apoio a uma estrutura de produção. Insere-se dentro de um sistema cooperativista, colocando à disposição uma quantidade de bens e serviços distribuídos equilibradamente pelo espaço urbano (...). Estando essas áreas (residencial e industrial) dimensionadas em função deste serviço, especialmente da rede elétrica, originam-se módulos residenciais, autônomos "vilas" que se multiplicam e se ampliam no relevo conforme a demanda de espaços habitacionais e o crescimento da cidade."

"O setor institucional de Dassópolis tem como elemento principal e central a escola, que passa a constituir-se no centro de interesses de cidade, pois ali se valorizarão e se pesquisarão as características regionais, dando ao homem local as condições de vivência da floresta amazônica (...). Dassópolis estará localizada como ponto de equilíbrio entre uma região consolidada (Altamira) e áreas de produção (os craós)."

LONGO TRABALHO

O trabalho dos professores — segundo Rogério Cerqueira Leite — foi facilitado pelo próprio Inbra e pela Funai. A primeira passagem dos técnicos pela Amazônia se deu há seis meses atrás. Depois disto, foram feitas mais seis excursões ao local, a quarenta quilômetros de Altamira, ao lado da

Transamazônica, entre a estrada e o rio Iriti.

A cada ano deverão seguir 200 famílias. Elas serão treinadas em campos experimentais de pesquisa antes de se dedicarem inteiramente às suas próprias glebas. "O Inbra tem mostrado — diz Cerqueira Leite — uma certa curiosidade construtiva. Ele não conhece o projeto em si, apenas a sua filosofia. A economia do projeto se desenvolverá paulatinamente — e se paga a si mesma, através da exploração dos recursos naturais. As casas serão feitas com a madeira da região, prescindindo da importação de outros materiais. A energia será produzida pelo hidrolipe, de restos de madeira, e o adubo será baseado no aproveitamento de folhagens e arbustos. A idéia é fazer, realmente, uma sociedade ecológica, em completa harmonia com a selva, dela usufruindo e protegendo-a. Não haverá queimada em hipótese alguma. E se procurará aproveitar as características do solo, da melhor maneira possível. Será evitado o uso de grandes máquinas. Isto porque na Amazônia peruana já se provou, em uma experiência de campo, que as grandes máquinas são ineficientes na região. O solo é muito melhor preservado quando elas não são utilizadas".

O tenente-brigadeiro Camarão — coordenador do projeto — é, um convicto conservacionista. Ele instalou com o apoio da FAP, numa região distante do Brasil, quase fronteira com o Surinã, um projeto de colonização indígena que salvou da destruição a tribo dos Tiriós, com quase 350 membros.

Marcos Faerman